



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

RUTHINERE RIBEIRO FARIAS

(depoimento)

2016

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-687

Entrevistado/a: Ruthinere Ribeiro Farias

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Castanhal, Pará

Entrevistadora: Christiane Macedo

Data da entrevista: 17 de maio de 2016

Transcrição: Ian Ogawa

Copidesque e Pesquisa: Suellen Ramos

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 22 minutos e 35 segundos

Páginas Digitadas: 10 páginas

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação; Envolvimento com o Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC); O PELC em Castanhal; Organização da equipe de colaboradores; Atividades e público que participava; Ruas de lazer; Formação dos monitores; Política pública em Castanhal; Ações pós PELC; Registro final.

Castanhal, 17 de maio de 2016. Entrevista com Ruthinere Ribeiro Farias a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M – Professora, primeiro, muitíssimo obrigado por me receber aqui na sua casa, atrapalhar a sua rotina, e eu queria que você começasse falando sobre a sua formação.

R.F – Bem, eu sou formada em Educação Física, licenciada plena em Educação Física. Atualmente eu estou cursando o quinto semestre de pedagogia e estou fazendo duas pós-graduações: uma em gestão escolar, porque no momento estou trabalhando com a vice direção, fui eleita diretamente pelos alunos, pela comunidade escolar e senti a necessidade de fazer essa pós-graduação. E também estou fazendo uma psicopedagogia clínica institucional, porque, como trabalho com crianças no município de Terra Alta¹, eu percebi a, assim, a necessidade de buscar mais por conta das dificuldades das crianças.

C.M – Sua formação é Educação Física, em que ano?

R.F – Licenciatura plena em Educação Física. Eu entrei na universidade em 2000 e terminei em 2004.

C.M – Foi aqui em Castanhal mesmo?

R.F – Foi aqui em Castanhal na UFPA², sou da primeira turma de Educação Física.

C.M – Ótimo. E como você se envolveu com o PELC³?

R.F – Bem, o PELC, assim, como ele era um projeto piloto por uma iniciativa do Partido dos Trabalhadores, na época, eu já era filiada ao partido e trabalhava no município de Belém⁴, eu fui selecionada para uma monitoria lá nos projetos de esporte, arte e lazer. Na época eu estava estudando ainda, fazendo a faculdade de Educação Física e quando

¹ Capital do estado do Pará.

² Universidade Federal do Pará.

³ Programa Esporte e Lazer da Cidade.

comecei a trabalhar em Belém, mas no momento que o PELC veio para a cidade, eu já estava formada, já estava trabalhando como técnica lá na prefeitura de Belém e aí como foi um projeto político na verdade, foi sugerido meu nome por conta da minha militância e meu trabalho dentro da área já de esporte, arte e lazer. E por conta disso eu fiquei conhecendo o projeto e fui indicada para coordenar o projeto no município, porque eu residia no município de Castanhal também.

C.M – E como vocês receberam o PELC? Veio um documento? Vieram pessoas para implantar?

R.F – Pessoas, eu não recorro de ter conversado com alguém, eu lembro bem que foi via Partido mesmo. O Partido foi informado, e na época nós tínhamos uma boa relação com a universidade. Inicialmente nós ficamos sem compreender com quem seria a parceria, se era com a prefeitura, se era com o Partido na verdade ou se era com a universidade. Então ficou meio que complicado. E só depois que a gente reunia, fazia muitos encontros, conversava a respeito, aí definido, então, a parceria vai ser com a universidade. Mas aí foi... Inicialmente nós tivemos alguns momentos de conturbação assim, não dava certo, era muito difícil, questões burocráticas mesmo.

C.M – E qual que era a proposta do projeto?

R.F – O projeto era um projeto de possibilidades de acesso ao esporte, a arte e ao lazer. Pelo menos é o que ficou muito claro. Nós abríamos para todos os públicos e, inclusive, o nosso projeto aqui em Castanhal, ele teve um diferencial que a gente também trabalhava com pessoas de mais idade, porque a gente proporcionava cursos de artesanato, a gente teve um núcleo que trabalhou diretamente com isso. Nós buscamos muitas parcerias fora, além do que o projeto nos dava oportunidade, a gente buscou também outras parcerias.

C.M – E qual era a organização da equipe? Como vocês se organizavam?

⁴ Município do estado do Pará.

R.F – Bem, eu era coordenadora e eu tinha que formar uma equipe. Então o Jeferson⁵ foi indicado porque ele já era militante do Partido, e também a gente precisava de alguém que fazia essa discussão mais política, ele foi indicado para coordenar um núcleo e, assim, por nós, por nossa equipe. E como eu já conhecia a Hildeana⁶ e o Nailton⁷, porque os dois também estudaram comigo, nós éramos muito amigos e nós compreendíamos já a ideia um dos outros, eu os indiquei também para fazer parte da equipe. E em seguida, nós partimos, eu e mais eles três, para selecionar os monitores, e nós divulgamos onde nós conhecíamos, foram inseridos pessoas dos bairros, pessoas que tinham esse trato com o esporte e tinham também outras habilidades além de dentro da universidade, nós também selecionamos vários monitores que já faziam o curso de Educação Física, já estudavam também, vieram de outras turmas após a nossa. Então assim nós conseguimos montar a nossa equipe. Nesses documentos aí, você vai ver a quantidade de monitores que nós tínhamos trabalhando.

C.M – Quantos núcleos tinham?

R.F – Três núcleos. Eram três núcleos. Um acontecia na Praça de Estrela, na praça mesmo, a gente não tinha um espaço determinado. A gente ia para lá com o nosso material e realizava a atividade. O outro era na Paróquia Santa Terezinha, a gente conseguiu uma parceria com as irmãs lá em Jaderlândia⁸ e elas forneceram o salão que elas têm, que elas chamam de “casa da sopa” e lá eram desenvolvidas as atividades. E no campus aqui na UFPA de Castanhal, a gente conseguiu um espaçozinho lá e como tem um campo de futebol, a gente tinha muitos espaços que poderiam ser utilizados e a gente fixou um núcleo lá. E lá também aconteciam as reuniões, os encontros sempre aconteciam lá.

C.M – E por que foram escolhidos assim, a universidade porque o convênio era com a universidade, mas os outros dois lugares como que foram escolhidos?

R.F – Assim, a gente pensou em espaços que pudessem dar mais visibilidade para o projeto, para o programa, e a gente buscou ainda outros lugares, porque a gente tinha

⁵ Jefferson Alves Teixeira.

⁶ Hildeana Nogueira Dias Souza.

⁷ Nailton Nazareno Carvalho de Oliveira.

conhecidos aqui próximos, bairro São José, só que ficava muito fechado ali, era um espaço muito distante. Então a Praça de Estrela, ela foi pensada porque é uma área central, e na época ela tinha sido reformada, estava muito bonita, tem árvores, bambus, dava para fazer atividades embaixo da árvore, como foi feito, mas no momento não tenho como te mostrar. A gente fez várias exposições de artesanato, nós fizemos, as pessoas que produziram ficaram lá para divulgar o trabalho. E já o Santa Terezinha foi porque nós buscamos várias parcerias e dentre elas, as irmãs se dispuseram a nos ajudar. E foi assim, um espaço muito interessante. A gente tinha espaço para desenvolver, elas forneciam o lanche, então ficava muito legal, dava certo para desenvolver nossas atividades lá.

C.M – E o que se tinha de atividades?

R.F – Nós desenvolvíamos várias modalidades desportivas, a gente recebeu o material do Segundo Tempo⁹, a bola e vários outros equipamentos. Nós desenvolvemos o teatro, a dança e o artesanato.

C.M – E o público? Tinha mais crianças? Mais adolescentes?

R.F – Nesse documento, a gente colocou a faixa etária. Eu não lembro especificamente a quantidade de cada um, mas a gente tinha um público muito variado, muito diversificado. E era assim, a gente fazia divulgação boca a boca. A Hildeana é uma pessoa muito comunicativa, então, ela tinha muitas pessoas que já faziam parte do meio social, que já participavam de outras atividades e tudo, então, ela divulgava e a participação especificamente do núcleo de Santa Terezinha era muito grande, muito grande até por conta dessa diversidade de atividades que ela desenvolvia. O teatro, a dança e o artesanato, foram muito presentes nesse núcleo, então, era o que chamava muita atenção, não que o esporte não chamasse, mas quanto mais possibilidades você dava e como esse núcleo desenvolvia mais atividades, então ele conseguiu chamar muito mais pessoas.

C.M – A dança... Você falou que tinha dança, lembra? Quais tipos de danças que eram?

⁸ Bairro do município de Castanhal.

⁹ Programa Segundo Tempo.

R.F – Nós trabalhávamos as danças regionais. Houve uma época, se eu não me engano, que a gente ainda fez o hip hop” por conta de... As crianças que participavam, em determinados momentos falavam também o que queriam e a gente adequava ao planejamento, mas a gente fazia diversificado, mas com ênfase nas danças regionais.

C.M – Você comentou também sobre as Ruas de Lazer, como é que eram as Ruas de Lazer?

R.F – Sim, as Ruas de Lazer... Como eu tive essa oportunidade de participar dessa equipe lá de Belém e a gente, na época, o marco teórico era o Nelson Carvalho Marcelino, e a gente fazia muito essa discussão e os projetos que a Prefeitura, tinha um dele que era Rua de Lazer. Tinha vários outros que eu participei, mas a Rua de Lazer me chamava muita atenção porque você levava o material para a rua e você dava possibilidade de todas as pessoas que estivessem vontade, participasse do que estava sendo desenvolvido por livre escolha. “Ah hoje eu não quero” “Ah hoje eu quero” então eles estão lá e eu participo. Então antes da gente desenvolver esse projeto dentro do programa, eu fiz uma formação com os monitores, tudo que eu aprendi lá eu compartilhei com eles. A gente trabalhou o material, inicialmente foi o material do Projeto Felicidade, que é um programa que falava sobre o que é lazer, sobre todos os conceitos para que a gente pudesse ir para a rua. Então eu fiz essa formação com os monitores e em seguida eles foram para a comunidade para fazer a mesma formação ao que eles tinham participado comigo; eles foram realizar na comunidade e uma das comunidades escolhida foi a Agrovila Calúcia, eles foram para lá, realizaram com a comunidade essa formação e em seguida finalizaram com a Rua de Lazer porque a Rua de Lazer ela era culminância do projeto Felicidade, fazia discussão com a comunidade e falavam o que era o lazer, porque essa proposta e aí a gente levava o material e eles iam desenvolver na comunidade em si essa Rua de Lazer.

C.M – Essa Rua acontecia em um sábado? Eram vários dias? Era um dia?

R.F – Normalmente era final de semana, era um dia. O programa, assim, na verdade o Projeto Felicidade que eu inseri dentro do programa, ele acontecia durante uma semana, a ideia era de que fosse uma semana, mas nem sempre dava certo, mas a Rua de Lazer era

em um só dia. A gente sempre marcava um final de semana ou o dia que ficasse melhor para a comunidade.

C.M – E vocês receberam materiais? Esportivos?

R.F – Recebemos, eu lembro, inclusive nesse documento tem todos os materiais que nós recebemos. Materiais esportivos, material permanente, som, aparelho de som, DVD, vários outros equipamentos que ficaram com a universidade e o material esportivo também ficou lá. Muito material esportivo.

C.M – Você falou de formação, vocês tiveram alguma formação aqui ou em Belém?

R.F – Assim, nós não tivemos nenhuma formação com o grupo geral, houve uma formação porque também foi pensado dentro das descrições das atividades, foi pensado formações para com os monitores, inclusive eu lembro que uma delas foi a Fátima, que a gente chama de Macapá, Fátima Moreira, que ela inclusive tem aí no documento, que ela desenvolveu uma formação com eles.

C.M – E você disse que fazia formação com os monitores também, como é que era essa formação com eles?

R.F – Era dentro do meu trabalho, eu enquanto coordenadora, eu sentia necessidade de fazer. Então além do que estava sendo proposto, eu tentei inserir o que eu estava também tendo de conhecimento, eu achei que seria necessário desenvolver. E não houve nenhum ônus para o projeto com relação a minha formação, além da bolsa que eu recebia.

C.M – [risos] Mas, como é que era essa formação?

R.F – Eu na verdade trabalhei exclusivamente o material que veio, que eu conheci em Belém do Projeto Felicidade, aí eu fiz algumas alterações, poucas, assim para adequar porque lá o material era específico; para cada comunidade a gente fazia um material apostilado e eu peguei esse material, eu fiz algumas alterações e trabalhei com os monitores.

C.M – Sim.

R.F – Mas fui eu, foi uma iniciativa minha. Não foi algo que veio pronto para a gente desenvolver com eles não.

C.M - Você chegou a ir para fora para fazer alguma formação?

R.F - Não. Nunca saí por conta do Programa não.

C.M - Qual você acha que foi o sentido das atividades do PELC para as comunidades?

R.F - Olha, o PELC foi um programa, um projeto piloto e que todo mundo torcia para que desse certo, todo mundo. Inclusive, quando a gente chegava na comunidade, a gente dizia: “Olha só, são dez meses, as parcerias que nós fizemos são só dez meses”. Aí quando foram seis meses, se não me engano, a gente teve um probleminha, eu não me lembro, não me recordo bem, por questões burocráticas, e aí “vai parar? vai parar?” Não, não, a gente ainda tinha quatro meses, a gente continuou mesmo tendo algumas dificuldades. Mas para as pessoas que participavam, isso teve um sentido a mais, porque quando você dá acesso, você dá possibilidade sem cobrar nada, com certeza você se sente atraído. “Poxa é de bom agrado, eles estão aqui, eles estão desenvolvendo coisas que a gente gosta e vai acabar”, e para quem participou diretamente do Programa, foi uma perda muito grande, com certeza foi uma perda grandiosa, a gente ainda tentou fazer com que ele ficasse, com discussões e tudo mais. Houve ainda muito embate político na época, não sei, divergências de ideias, e acabou que... Culminando no término mesmo do programa, mas para as pessoas que participaram diretamente, foi um sentido a mais, com certeza, de importância, de qualificação, de possibilidade de acesso e uma política pública diferenciada. Com certeza, para eles, foi bem valoroso o Programa e que... A gente teve vários depoimentos, eu não sei, a Hildeana tinha ainda alguns depoimentos, não tem mais, né?

C.M - Não, ela perdeu no computador.

R.F - Isso, ela tinha alguns depoimentos, ela transcrevia os depoimentos de quão valoroso estava sendo, as pessoas falavam diretamente para ela, mas infelizmente a gente não tem mais esse material.

C.M - Professora, qual que era a sua rotina no projeto? Você visitava os núcleos? Ou ficava na UFPA? E qual que era, assim, a rotina, as funções do dia a dia?

R.F - Assim, nós tínhamos uma salinha na UFPA e como a gente tinha muita criança que participava do Jaderlândia e lá na UFPA era aberto na época, nós não tínhamos aquela quadra, aquela piscina que hoje nós temos lá, era só o campo de futebol. Então ficava um grupo muito grande de participações, os pais iam e observavam. Especificamente, a minha presença, ela foi maior lá no campus por conta até de alguns documentos, resolver problemas, algumas questões burocráticas. Mas eu, assim que podia ou havia necessidade, eu sempre visitei outros núcleos: o Santa Terezinha e o Estrela.

C.M - Bom, como era a política... Castanhal tinha uma política pública de esporte e lazer antes? Ou para o esporte? E se isso modificou alguma coisa com o PELC?

R.F - Olha, na verdade, na época o PT¹⁰ era um partido de oposição e o município sempre... Nunca houve um partido de esquerda aqui na direção do município. Então o programa veio meio que um tapa na cara das políticas públicas do município, até porque a gente fazia um trabalhado completamente diferenciado. No município, hoje, já tem alguns programas que são desenvolvidos em praças, gratuito, para que as pessoas possam participar e se sentir vontade vão lá, mas antes não havia isso. Então o Programa trouxe essa cara diferente. Por conta disso, por não ter sido feito uma parceria com o município, eu acredito que foi, assim, o grande “bum” para que o projeto não continuasse. Porque não havia esse tipo de política aqui, e aí o programa veio com uma forma diferenciada e que, na verdade, era completamente diferente do que a Prefeitura Municipal pensava. Você conhece, você sabe que direita e esquerda fica complicado o diálogo. Hoje a gente já percebe que o Partido dos Trabalhadores assumiu um outro caminho, mas na época, de fato, era um partido de esquerda e a gente fazia um trabalho diferente e por muitos

¹⁰ Partido dos Trabalhadores.

políticos da época não era bem aceito, inclusive, nem bem querido, nem falado. E era um Programa grandioso, a gente fazia de tudo, a gente buscava rádio, a gente tentava mostrar a nossa cara, mas por questões políticas ele não foi abraçado pelo município.

C.M - E tinha algum apoio ao esporte aqui antes?

R.F - Não recordo.

C.M - Professora, ainda... Você continuou acompanhando as ações depois, alguma coisa do PELC depois que acabou aqui em Castanhal?

R.F - Não, não tive mais nenhum contato, nenhum. Até porque, quando finalizou... Estava finalizando o programa, eu tive um... Na verdade eu tive um bebê, aí logo em seguida, trinta dias eu voltei e continuei dentro do Programa, aí o Programa encerrou, nós não tivemos nenhum contato... Assim, a gente conversava com a direção da universidade e tudo, inclusive nós ficamos devendo para os monitores um certificado, nada foi fornecido a eles, foi disponibilizado porque eu não tenho autonomia de fazer um documento, eu era coordenadora do programa, mas eu... A parceria foi com a UFPA, e foi disponibilizado a listagem dos monitores, mas nunca houve esse documento para que eles pudessem ter esse respaldo. Eu lembro que na época, alguns que me procuraram e precisaram, eu ainda assinei uma declaração de que eles foram monitores no projeto piloto durante dez meses, ainda assinei, mas um documento via universidade, governo federal, nunca veio para eles.

C.M – Tem mais alguma coisa que você gostaria de registrar sobre o PELC aqui em Castanhal, alguma experiência?

R.F – O PELC, para mim, enquanto profissional, foi uma possibilidade de me conhecer também, de me identificar dentro do direcionamento que, na verdade, eu tive que tomar da minha carreira profissional, porque eu sempre... Na verdade, eu entrei na Educação Física porque eu tinha vontade de ser médica, e a Educação Física era um curso que me aproximava, que na época eu não tinha possibilidade de pagar cursinho, bom, várias questões. E quando eu entrei na prefeitura de Belém, eu me identifiquei muito com os projetos da área de esporte e lazer e o PELC, ele veio só somar. E, de fato, me fazer

reconhecer que era isso mesmo que eu queria, inclusive, hoje, eu tento fazer dentro da escola o que eu fazia no Programa. As minhas aulas são sempre assim: “Vamos planejar juntos, a gente vai fazer junto o que vocês sentem vontade.” E graças a Deus, a Educação Física nos dá essa possibilidade, esse diálogo, não existe um programa fechado, você monta o planejamento ali com seu aluno e você acaba agradando porque você trabalha dentro do que eles querem, do que eles gostam, do que eles querem conhecer, do que eles têm de dúvidas. Então, o Programa, para mim, foi um desafio, porque eu era muito nova na época. Eu recordo, eu tinha, assim, muito receio de não conseguir, era uma época, se não me engano, quarenta e quatro monitores mais os três bolsistas. Era muita gente para eu coordenar, mas eu acredito que foi uma experiência muito gratificante, valorosa e eu acredito que teve o reconhecimento dentro do público que participou com a gente. Com certeza para esse público, o valor de tudo que nós fizemos foi imenso, diferente das políticas, na época, estavam aqui no município.

C.M – Então professora, é isso, muito obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]